

Grotesco ~ UM gótico Épico

por GE Graven



Capítulo XIX



No coração de uma das províncias mais ao sul da França, no topo de uma estreita crista,

A grama alta se abriu, revelando uma lebre que saltou para uma clareira iluminada pelo luar. O animal cauteloso inspecionou um pequeno monte aberto com as orelhas em pé e o nariz inquieto; e, à medida que avançava furtivamente, De repente, congelou como pedra, a cabeça inclinada para o lado e um único olho negro e vítreo fixo no céu. O animal petrificado encarou aquilo que poderia ter se assemelhado a um Um único ponto voador — uma silhueta que pairava no ar, à deriva contra as estrelas. O coelho permaneceu imóvel sob o que lhe pareceu ser uma ave de rapina.

Contudo, o objeto que voava alto pouco se assemelhava a qualquer pássaro, exceto pelas asas abertas; e um olhar treinado poderia corretamente identificar sua forma como a de um homem voador.

Subitamente, a lebre assustada girou e disparou para as longas sombras de onde emergiu. E na aparente segurança dos arbustos e das sombras profundas, uma mão fantasmagórica esverdeada separou a vegetação e capturou a lebre que se debatia. Ossos estalaram e um novo silêncio se instalou sobre o pequeno monte gramado.

Planando alto acima da crista e voando contra um céu estrelado, Lázaro prosseguia. O vento gemia com o bater rítmico de suas asas. Voando em direção ao

Na costa mais meridional da França, e do alto do seu ponto de vista privilegiado, Lázaro viu as terras iluminadas pela lua se estenderem a partir de um horizonte curvo como um pergaminho sublime que lentamente desdobrava cada faceta da Criação. À sua esquerda, uma fileira de colinas baixas brilhava em tons dourados, definindo nitidamente a borda leste da Terra. À sua direita, sob uma lua crescente sulfurosa, o terreno ondulante se fundia a um horizonte ocidental indistinto que parecia se liquefazer como mercúrio e se fundir a um céu nebuloso.

Lázaro já havia deixado o curso sinuoso do rio Ródano há muito tempo e agora voava para o sul sobre uma paisagem dispersa de colinas nuas e florestas fragmentadas. Abaixo dele, riachos serpenteavam por todo o terreno e, em conjunto, poderiam ter se assemelhado a cicatrizes negras e errantes de adagas que marcavam a face da terra. Aglomerados de pequenas estruturas surgiam à vista — construções com telhados de palha empoleiradas nas margens dos rios, sugerindo a presença de pitorescas vilas de pescadores. Entre elas, estradas rurais eram como veias de terra que se dispersavam e desapareciam em meio a bosques sombrios e vales no sopé das montanhas.

Ao contrário dos caminhos sinuosos das estradas e riachos abaixo dele, que pareciam comprometidos diante do terreno irregular, Lázaro trilhou um curso deliberado, desafiando os ventos cruzados e as correntes descendentes persistentes. Ele abriu um caminho reto e estreito, estritamente para o sul. No entanto, mal reconhecia o mar de terra ondulante sob seus pés. No gemido imutável do vento e sob o bater constante de suas asas, Lázaro poderia estar voando às cegas, pois a maior parte de sua atenção estava voltada para dentro — sua concentração em uma mente perturbada.

Talvez só os anjos pudessem ter concebido tal milagre ou método para que um coração tão pesado como o dele pudesse permanecer no ar, mesmo que isso significasse alcançar as estrelas e não despençar na Terra devido à gravidade de seu próprio estado despedaçado. A mente de Lázaro girava com memórias remotas de dias passados. E a cada lembrança perfeita, as memórias pareciam se amontoar como uma pilha de pedras que se transformava em uma montanha e sepultava todo vestígio daquilo que ele se lembrava ser. Sem o conforto dos limites... Nas catacumbas; sem suas tarefas nos túneis; sem Ivan e Odino para consolá-lo; sem até mesmo Clodius e Greville para repreendê-lo — sem sua incômoda máscara, Lázaro chorou. Não podia mais negar aquela parte inquietante de si, que antes era apenas um sussurro lamentoso escondido nos recônditos mais profundos de seu coração, agora que finalmente se agitava com força em seu peito. Não era mais uma dor persistente, mas talvez um despertar. e uma consciência gritante que exigia sua atenção. De fato, o sussurro incômodo cresceu em uivos de tormento, revelando-se completamente como a confirmação de que a parte mais querida de Lázaro havia realmente perecido naquela noite terrível, quando foi forçado a deixar a Abadia. E embora a voz em seu coração fosse só sua, certamente não era dele.

Criado pelo pescador blasfemo e assassino; pelos gananciosos lordes rivais, D'Alcicourt e Hugon; pelo frio e repugnante Capitão Bourne; e, acima de tudo, por sua mãe completamente ímpia, que era tudo isso e muito mais. E para Lázaro, as amargas lembranças deles pareciam devorar cada uma de suas recordações perfeitas e reconfortantes — cada sonho alegre e ingênuo de um mundo anterior e perfeito que ele havia experimentado antes de ser expulso do aconchegante útero de seus antigos aposentos nas catacumbas.

Contudo, mesmo que a tristeza por vezes possa subjugar o Espírito, invariavelmente, a razão frequentemente recupera o que foi perdido interiormente. Lázaro fechou seu coração aflito e abriu sua mente para considerações e cálculos mais significativos: ele estava voando — sobre o sul da França — a caminho da Itália. E o que ele ingenuamente considerara um objetivo inatingível — voar para algum lugar e buscar um frade — era, na verdade, uma façanha bastante razoável, pois era exatamente *isso que ele estava fazendo agora*. Ele considerou o que poderia acontecer imediatamente após seu retorno à Abadia com Frei Salvatino. Infelizmente, desde que o Capitão havia revelado sua verdadeira identidade como um grotesco disfarçado sob as vestes de escudeiro, ele sabia muito bem que sua vida seguiria um rumo diferente do que havia imaginado. A partir dessa única reviravolta, ele concluiu, com razão, que os monges da Abadia não poderiam aceitá-lo em seu rebanho sagrado como frade. Estava convencido de que não lhe permitiriam mais viver e servir em seu grupo como um homem da Igreja. Tinha certeza de que nunca mais o permitiram Reverenciá-lo-iam como Lázaro, o fiel escudeiro das catacumbas da Abadia, mas o desprezavam como uma besta alada feia e ímpia. Inequivocamente, ele sabia que não encontraria seu lugar na oração, no Santuário, mas no topo dele, em pedra. Ainda assim, recalculou suas opções apenas para chegar ao mesmo resultado inabalável: manter-se firme em sua promessa de buscar o frade. 'E se, porventura, algum resquício de bondade pudesse ser derivado disso', ele concluiu, 'talvez os monges da Abadia pudessem olhar além de suas diferenças e considerá-lo mais Homem do que besta.'

Contudo, para Lázaro, parecia improvável que qualquer reflexão pudesse mudar o momento para melhor. O tempo girava sobre a terra ondulante e, com o peso de uma Pedra Portal aberta repousando firmemente sobre seus ombros, Lázaro continuou avançando sobre o sul da França. O suor de suas asas brilhava ao luar e; como Conforme a noite avançava, ele manteve-se fiel ao seu curso e velocidade, mesmo enquanto se aproximava do solo. Como um morcego gigantesco, ele cortava o céu sobre as copas das árvores, agitando as folhas com o bater de suas asas. Voava adiante, sincronizando o movimento das asas com a respiração — inspirando e expirando. O tempo voltou a girar quando um bando de gaivotas se reuniu ao seu lado. Mais gaivotas, que descansavam, alçaram voo para persegui-lo. As aves se juntaram em um enxame crescente e, por fim, centenas delas formaram um bando imenso que quase engoliu Lázaro.

Subiu mais alto para escapar deles, mas eles o seguiram. Mergulhou; inclinou-se para a esquerda; rolou para a direita. No entanto, eles reagiram precisamente com as mesmas manobras aéreas. Nivelou-se e buscou o horizonte, mas encontrou apenas uma parede branca de penas da cauda agitadas. E abaixo dele, a face da terra submergia em um mar revolto de asas brancas.

Lázaro deu-lhes um tapa, gritando: "Saíam daqui agora!" Eles gritaram para ele, como se sua ordem impetuosa exigisse um protesto em massa.

"Saíam da frente!", gritou ele. Eles grasnaram e se aproximaram ainda mais, sufocando-o como uma centena de pintinhos agarrados a uma gaivota mãe.

"Não consigo ver!"

O bando apenas respondeu com tagarelice.

"Eu não sou um pássaro!"

As gaivotas reclamaram em uníssono.

"Eu não sou!"

Responderam com uma saraivada de réplicas incisivas.

Lázaro bufou e se entregou a eles, considerando que, embora estivesse voando mesmo em meio a eles, ele prosseguia. Além disso, parecia-lhe que o bando demonstrava uma apurada noção de espaço, já que nenhum deles parecia obstruir o bater de asas do outro, ou o seu próprio. Mas havia algo mais neles, pois Lázaro se viu atraído por seus olhos escuros e arregalados. Superficialmente, pareciam compartilhar a mesma intensidade selvagem. Ele os encarou profundamente — ainda mais profundamente do que quando olhou nos olhos dos cães de Boca da Montanha — e não encontrou absolutamente nada.

Talvez tenha sido o vazio neles que levou Lázaro a dar uma risadinha. As gaivotas, sem suspeitar de nada, acompanharam sua risada com um chilreio.

Lázaro gargalhou e eles gargalharam com ele. E quanto mais alto ele ria, mais ruidosamente... Eles responderam até que, por fim, Lázaro se viu tomado por cólicas e lágrimas. Na verdade, ele conhecia a origem de sua hilaridade e se divertia abertamente com ela. Os olhares descarados das gaivotas eram tão amplos e vazios quanto os dos morcegos de Boca da Montanha — tinham o mesmo bocejo do rato que Frei Clódio perseguiu pelas catacumbas da Abadia — e talvez refletissem o mesmo olhar do próprio frade quando Lázaro despejou o balde de água sobre suas sandálias. Em suma, tanto na lembrança quanto na realidade, seus olhares

Parecia transmitir a Lázaro os estados simultâneos, porém discordantes, de determinismo e inconsciência. Se ele não tivesse inicialmente encontrado a semente do humor em seus olhares amplos e frios, poderia ter se visto obrigado a voar em meio a tal bando de olhos vazios e ardentes. Contudo, à medida que prosseguia, iniciou um diálogo íntimo com sua tropa de gaivotas, contando-lhes segredos que as gaivotas jamais poderiam repetir ou compreender.

Compartilhou com os pássaros verdades que havia admitido apenas aos morcegos da Boca da Montanha. De fato, eles se mostraram bastante curiosos e receptivos a Lázaro — todos eles intensamente interessados com sua oratória contínua. E ocasionalmente, eles irrompiam em um grasnido coletivo, um cacarejo, ou murmurar, para expressar uma opinião comum ou uma contradição.

Por fim, porém, as gaivotas pareceram cansar-se de sua companhia e se dispersaram. O bando diminuiu e a luz do céu noturno iluminou as asas agitadas. Ainda mais delas se afastaram, dispersando-se em massa para expor a terra ondulante sob os pés de Lázaro. O bando restante explodiu abruptamente, deixando Lázaro voando sozinho. E com a parede de gaivotas à sua frente agora desaparecida, seus olhos encontraram um horizonte sul inesperado e vastamente diferente daquele que ele se lembrava; ao ver sua nova forma, percebeu que não era nada menos que uma paisagem panorâmica de horror. Ele se inclinou para trás, bateu as asas e abruptamente parou, pairando no ar. Ele caminhava pelo ar, sentindo-se anormalmente pesado. Era como se o sangue de sua vida tivesse sido drenado de suas veias — como se seus próprios ossos tivessem adquirido a gravidade de pedra. E naquele momento inquietante, enquanto Lázaro acreditava sentir toda a força do chão, ele absorveu a enormidade do espetáculo aparentemente inexplicável diante dele. Toda a face da Terra pareceu render-se a uma vasta camada de vidro negro que praticamente mergulhou o mundo no esquecimento. Era um espetáculo impressionante de aparente e infinito vazio que só Noé poderia ter conhecido.

A partir de suas lembranças sobrepostas aos mapas da Abadia e da distância percorrida a voo, Lázaro sabia que já havia chegado ao Golfo de Leão; contudo, jamais imaginara que sua extensão fosse tão imensa e vasta como o oceano imponente que agora lhe parecia. Novas preocupações surgiram. Ele encolheu os ombros e mergulhou em espiral, seguindo seus amigos emplumados de volta a uma linha de rochas costeiras que dividia a terra do mar. Ele pousou entre os pássaros no chão, empoleirando-se no topo de uma laje larga e desgastada. As gaivotas reclamaram e bateram as asas. Bicaram suas botas, talvez acreditando que ele viera roubar a carcaça enalhada de um peixe de olhos fundos, que elas guardavam. Lázaro agachou-se e apoiou os braços cansados sobre os joelhos. Gotas de suor escorriam pelo seu corpo, inclinando-se para trás com o vento que vinha do interior. Com as asas frouxamente abertas atrás de si, respirava pesadamente, como um pássaro superaquecido. Ali, num platô rochoso e baixo, recompôs-se. Observou as marés agitadas a ondular entre as rochas, salpicando-o com uma névoa salobra. Estudou a beira da água, onde uma camada de espuma oceânica subia e descia a cada nova onda. Perto dali, parte de uma carapaça de caranguejo repousava sobre um pedaço de madeira preso, que balançava apressadamente entre um estreito espaço de pedras. Contra as pedras, densos filamentos de algas rolavam em unísono nas correntes marítimas. Ao lado de Lázaro, as gaivotas finalmente voltaram sua atenção para si mesmas, disputando a carcaça do peixe. E enquanto a brisa fresca do golfo secava suas asas úmidas, Lázaro fechou os olhos e

Gravados para sempre na memória, os sons e cheiros recém-experimentados de um oceano.

Dentro dele, a preocupação que antes fervilhava transformou-se numa voz insistente de protesto, que fervilhava em sintonia com as águas negras sob seus pés. Ele revisou os mapas da Abadia e lembrou-se de que, em sua planejada jornada para buscar o frade, deveria embarcar numa travessia noturna do Golfo de Leão e chegar à Ilha da Córsega, onde novamente buscaria abrigo da luz do dia. Inicialmente, a façanha pareceu bastante viável, já que sabia que podia voar a distância. Contudo, a visão do mar de uma altura tão grande quanto a de um pássaro, onde testemunhou sua aparência tão magnífica e incrivelmente monstruosa a ponto de engolir cada detalhe terreno por uma aparente extensão infinita, fez com que a façanha parecesse mais impensável do que possível. De fato, a voz insistente reclamava com razão, pois agora revelava a Lázaro a perturbadora noção de que sua travessia do oceano não era meramente uma façanha de voo, da qual ele tanto dependia para sobreviver. Afinal, a voz sabia que Lázaro podia voar durante uma noite inteira; no entanto, ele não conseguia nadar, nem por um instante.

Lázaro se inclinou para a frente, ajoelhou-se e afundou sobre os calcanhares. Olhou além das ondas e inspecionou um horizonte oceânico escuro que parecia se fundir com um céu tênue. A vasta paisagem marinha negra tinha toda a aparência de um abismo sem fundo e sem limites, e ele refletiu que até mesmo as nuvens seriam incapazes de atravessar um vazio tão vasto. Voltou sua atenção para os céus a sudoeste, onde relâmpagos de calor cintilavam à distância. Então suspirou e se levantou, dando um adeus sombrio às gaivotas. Desdobrou seu Com asas, alçou voo, deu uma volta e seguiu para leste, virando as costas para o cenário. lua.

Durante o resto da noite e até altas horas da madrugada, Lázaro seguiu o sul. litoral da França. Com os mapas da Abadia firmemente gravados em sua mente, eles o guiaram em direção à cidade portuária de Marselha, no leste. Ele manteve o mar à sua direita e a terra à sua esquerda, mesmo quando um vento cruzado constante vindo do sul parecia determinado a empurrá-lo para fora. para um oceano ameaçador. E para Lázaro, o oceano parecia cada vez mais um abismo infernal — um grande buraco negro faminto — que o zombava, desafiando-o a atravessá-lo. Com o tempo, os ventos laterais enfraqueceram e cessaram antes que uma brisa salobra soprasse para o interior para contrabalançá-los. No entanto, os ventos violentos já haviam castigado suas asas, e Lázaro voltou sua atenção para o chão, onde poderia encontrar abrigo adequado dos primeiros raios do dia.

Ainda longe de Marselha, Lázaro desceu sobre uma pitoresca vila portuária e a rodeou.

gradualmente se alargando sobre telhados de palha até encontrar, na extremidade leste mais remota da cidade, as aparentes ruínas de uma antiga catedral, empoleiradas no topo de uma colina ampla e rochosa. Ao inspecionar mais atentamente, ele viu tudo o que restava da estrutura alta e sem teto, com paredes chamuscadas e parcialmente desmornadas que envolviam um piso de lajes exposto. Contudo, descobriu que havia mais por trás do aparente local de culto abandonado. Enclausurada dentro de suas fortificações em ruínas, uma estrutura pitoresca, muito semelhante a uma igreja recém-construída, erguia-se sobre uma parte das lajes do piso. A igreja mais nova era inteiramente de madeira, exceto por uma parede externa de pedra que compartilhava com a antiga catedral. Em suma, o aparente ponto de madeira poderia ter uma semelhança simbólica com uma semente pronta para a primavera, presa no ventre de uma flor murcha pelo inverno. E, além de um cão carregando um osso que mancava por um extenso cemitério que ocupava o lado leste da ampla colina, Lázaro constatou que os arredores das ruínas estavam praticamente desertos.

Ele pousou entre as ruínas, apoiando as botas suavemente sobre as lajes cobertas de ervas daninhas. Lázaro fez uma careta, dobrando cuidadosamente as asas gastas antes de se esgueirar para as sombras mais escuras. Mal se aproximou da igreja rudimentar quando viu suas janelas altas e estreitas e percebeu que o edifício era totalmente inadequado para o abrigo que buscava. Lázaro se virou e passou por uma brecha na antiga parede. Então, do lado de fora das ruínas, ele seguiu o comprimento da muralha, caminhando por entre pedras caídas e ervas daninhas altas, até que contornou a esquina externa e encontrou, aninhado entre as ervas daninhas e coberto por trepadeiras, um grande e estreito depósito. A parte de trás mais alta de A cabana improvisada encostava-se perfeitamente à antiga parede do templo. Sua parte frontal inferior dava para a colina distante, repleta de lápides aglomeradas e decrépitas. Lázaro limpou o mato, levantou a tampa desgastada da cabana e espiou lá dentro. Além de alguns cabos de ferramentas quebrados, vários sacos de cânhamo apodrecidos e torrões dispersos de lama seca, o interior parecia espaçoso o suficiente para a curta estadia planejada. Ele se acomodou dentro da cabana, fechou a tampa. Reorganizou seus pertences e fechou os olhos para o amanhecer de um novo dia. E o Tempo retornou ao seu mundo de sonhos.

De fato, a caixa era de construção sólida, com paredes fortes e uma tampa nivelada para proteger Lázaro da luz forte do dia. No entanto, como a boa sorte muitas vezes exige um preço pelos serviços prestados, a própria caixa que manteve Lázaro vivo poderia facilmente ter servido para... como seu caixão. Se o céu do dia seguinte estivesse sem nuvens, ele certamente teria perecido. O sol da manhã queimou o caixão, despertando Lázaro para refletir sobre seu destino imediato. destino. Ele se debatia na lata de lixo abafada, lutando para respirar o ar viciado e quente lá dentro. E em sua situação inescapável, teve tempo de sobra para refletir sobre algo muito... Erro grave: Ele se deitou dentro de um caixão de madeira voltado diretamente para o leste. Mesmo assim, O sol ascendeu aos céus como um deus do fogo furioso, buscando em seu interior tudo o que havia dentro de si.

para que pudesse consumir e definhar.

Ao meio-dia, Lázaro sofria agonias que se descreviam como oscilações entre uma náusea profunda e uma terrível consciência de si mesmo. Repetidamente, os gritos do pescador, que lhe vinham à mente, ecoavam em seus ouvidos: “LÁZARO, ABRE A PORTA! PELO AMOR DE DEUS!” Ele oscilava entre a consciência e a inconsciência, a mente dividida, o corpo debilitado. Como um pêndulo de tortura, o evento horrendo persistia — entrando e saindo, entrando e saindo. Como um relógio, a cada espiral mental rumo ao esquecimento, seu corpo o despertava para dores ainda maiores. E naqueles momentos mais tortuosos de consciência, quando a dor poderia ter aumentado a ponto de zombar da fragilidade de sua própria mortalidade, Lázaro só conseguia agarrar a cruz de oração de seu pai com mãos trêmulas e implorar por outro período de inconsciência. Contudo, nenhuma misericórdia alcançou — nada alcançou, a não ser a queimação contínua de um sol impiedoso.

Lázaro sentiu-se perto da morte antes que o sol começasse sua descida para o oeste. Longas sombras das ruínas da catedral finalmente se estenderam sobre a lixeira. O ar escaldante da caixa se dissipou quando o crepúsculo pintou as nuvens com tons avermelhados; e Lázaro emergiu de seus sonhos vertiginosos somente quando o crepúsculo mais profundo se instalou no céu. O brilho frio de milhões de estrelas e uma fina camada de luar acalmou a terra. Lázaro jazia ofegante sobre sacos de estopa encharcados. Sua cabeça girava com um zumbido, que agora parecia entrelaçado com vozes indistintas. Por fim, o zumbido em seus ouvidos diminuiu, embora as vozes persistissem e, quando Delírio e Realidade finalmente se separaram em sua mente, ele discerniu as vozes como pertencentes a uma conversa notavelmente acalorada. Ele se virou de lado, ergueu a mão, deslizou os dedos entre a tampa e a estrutura da lixeira; e com a tampa entreaberta, uma onda de ar fresco o envolveu. Ele permaneceu imóvel, com os ouvidos atentos para ouvir mais da conversa em curso. As vozes pareciam vir de longe, talvez originárias da encosta da colina, no interior do cemitério. E havia algo estranho naquele discurso — por mais confuso ou desconexo que fosse — que o pre-

Ele escutou atentamente enquanto uma voz masculina implorava em voz alta: "Escute-me! Só mais um instante, eu imploro!" Seguiu-se uma longa pausa.

“Mais um instante, você terá. Apresse-se, sua despedida.” A resposta antinatural, semelhante à voz de Lucifael, falando em uníssono com as vozes de muitas mulheres ao mesmo tempo. No entanto, essa voz de outro mundo parecia nitidamente diferente — talvez mais suave e refinada, porém austera e adequada — à medida que se dissipava em chamados que lembravam ecos invertidos.

Lázaro ficou tenso; sua respiração acelerou. Se a resposta assombrosa não fosse tão grave e entrelaçada com vozes masculinas, a fala poderia ter vindo de Lucifal.

ela mesma. Mas as palavras não eram dela; apenas pareciam ser dela. Lázaro levantou a tampa ainda mais e espiou o cemitério iluminado pelo luar.

"A sós, se me permite?", implorou a voz suplicante.

Ao que a voz angelical respondeu: "Não demore muito."

Raios de luz iluminavam o farfalhar das folhas e ervas daninhas. Numa rajada de vento que se extinguiu, uma nova escuridão e silêncio se instalaram sobre o cemitério.

As pupilas de Lázaro dilataram. Ele vasculhou o terreno antes de sair furtivamente do depósito. Ele olhou para os céus, que clamavam por fuga; contudo, permaneceu firme, dominado pela curiosidade avassaladora que o atormentava: aquela voz estranha, porém familiar, semelhante à melodia, mas diferente do tom de sua mãe. Naquele mesmo instante, Lázaro lembrou-se das palavras de seu pai, advertindo-o para que se mantivesse afastado do perigoso Túnel Benion; ainda assim, reconheceu que, se não tivesse se aventurado por aquele túnel proibido, não teria descoberto a escrita angélica nem os Pergaminhos de Naramsin. E, portanto, não teria obtido aquele precioso conhecimento sobre si mesmo, suas origens ou seus familiares Eljo. De fato, não podia simplesmente se afastar do cemitério e de sua voz desconhecida, quando ainda mais desse conhecimento incomum poderia estar a poucos passos de distância.

Sob o manto da escuridão, ele desceu furtivamente a encosta, reservando sua presença apenas às sombras mais densas. Não pisou em galhos quebradiços ou pedras soltas enquanto passava silenciosamente por entre as sepulturas descuidadas. Traçou um caminho irregular e furtivo em direção ao coração do cemitério, até um bosque sombreado de carvalhos antigos, onde avistou um brilho etéreo e esverdeado que se destacava intensamente entre a vegetação rasteira. Ao se aproximar das árvores por trás de uma pequena elevação, ouviu distintamente o murmúrio ininterrupto da mesma voz máscula que outrora suplicara à outra voz, a voz de muitos homens. Como um fantasma, Lázaro ascendeu a parte de trás do talude, com as orelhas em pé e atentas à voz solene que sussurrava: "Ainda que toda a Terra passe, eu permanecerei com Meu amor. Infelizmente, o bom Anjo agora sabe quando e onde me encontrar; e eu não posso mais me mostrar rotineiramente como antes. Ele se tornou sábio em relação aos nossos aniversários. Mesmo assim, dou-te a minha palavra, completa e eternamente, de que persistirei e prevalecerei. Como meu coração é fiel, voltarei a te visitar com ainda mais frequência, porém com renovada discrição e sem que a rotina te desconhecasse. Tu és a minha dádiva divina, o meu amor, e o único Paraíso que me importa conhecer."

Lázaro afastou as ervas daninhas e agachou-se ao se aproximar de uma lápide em ruínas. Ele olhou por entre as pedras e um brilho esverdeado banhou seu rosto, contraindo suas pupilas.

Ele olhava fixamente para um espetáculo aparentemente incomum, com os olhos semicerrados. Diante dele, a imagem fantasmagórica de um homem ajoelhava-se aos pés de duas sepulturas marcadas, de costas para ele. As duas sepulturas estavam cercadas por um terreno maior, delimitado por pedras e tomado pelo mato. Emergindo do mato... E, entre as duas lápides, um pilar de pedra muito mais alto, porém mais estreito e ricamente esculpido, trazia as gravuras de um possível brasão de família, com o nome gravado verticalmente, de forma proeminente e quadrada, logo abaixo: *~M EDICC I~*. Lázaro inclinou-se para as sombras das lápides enquanto o Espectro se levantava, virava-se e examinava o terreno. Então Lázaro viu tudo.

O semblante era o de um homem jovem e bonito — talvez de meia-idade — com cabelos na altura dos ombros e uma barba angulosa bem aparada que delineava um maxilar quadrado; o Espectro vestia-se com distinção, uma capa longa drapeada sobre um traje inovador, sua túnica sobre os ombros franzida como uma cortina contra o topo de suas botas de cadarço alto. Através da percepção divinamente aprimorada de Lázaro, enquanto ele perscrutava a escuridão da noite, e cada vez mais profundamente além de seus limites, e ainda mais profundamente, através do ébano sempre agitado. Nas névoas do reino etéreo e místico de assombrações e duendes, espíritos errantes e almas perdidas, cada faceta do rosto do Fantasma parecia tão brilhante e translúcida quanto o resto de sua forma esverdeada e luminosa.

Lázaro entrou na clareira e chamou a Aparição: "Saudações, senhor."

O Espírito virou-se parcialmente e parou por um instante, com o olhar voltado para baixo, como se contemplasse uma apresentação inesperada. Então, virou-se e encarou Lázaro. O homem translúcido tocou o próprio peito, perguntando: "Você está falando comigo?"

"Sim, aceito", respondeu Lázaro com um sorriso convidativo e uma breve reverência.

"Você consegue me ver? E me ouvir?", perguntou o Espectro, incrédulo.

Lázaro assentiu com a cabeça. "Eu posso." Ele caminhou de um lado para o outro e parou.

"Nunca vi ninguém como você. Que tipo de demônio é você?"

O sorriso de Lázaro vacilou. "Eu não sou um demônio — sou um homem voador. Eu sou Lázaro Gogu."

O Fantasma acariciou o queixo e estudou Lázaro. "Você afirma isso." Então balançou a cabeça em aparente descrença, acrescentando: "No entanto, não sinto nada em você — absolutamente nada."

Lázaro perdeu completamente o sorriso. Respirou fundo e repreendeu o Fantasma. "E já que consigo ver a lápide bem além de você, claramente através de si mesmo, parece haver pouco de você também."

O semblante do homem franziu os lábios e admitiu a alegação com um simples aceno solene de cabeça.

"Você é um Espírito; uma espécie de alma?", perguntou Lázaro, tentando pôr fim à discórdia.

A aparição apresentou-se de braços abertos, declarando: "Como você já deve ter percebido, eu sou." Tão abruptamente quanto apareceu, o Fantasma baixou os braços e friamente o informou: "E se você está em conluio com o Inferno, talvez devesse informar seus principais anciãos e lacaios que esta alma já foi reclamada e está aguardando na companhia dos celestiais." escolta."

Lázaro se defendeu veementemente: "Não estou em conluio com o Inferno, nem procuro conspirar contra o Senhor Deus Todo-Poderoso."

O Fantasma o examinou com um olhar penetrante antes de perguntar: "Então talvez você esteja em conluio com o Céu?" O Espírito assentiu em concordância. "Se assim for, então você já deveria saber que pedi um momento a sós para prestar minhas últimas homenagens. No entanto, aqui está você. Por que precisa me espionar em segredo, para não pensar que eu fugirei?" A Aparição inclinou a cabeça, com uma súbita expressão de perplexidade no rosto. "E que tipo de servo divino é você — alguém como nunca vi antes — que se apresenta na forma de um demônio e se dirige a um Espírito rebelde com respeito e gentileza, sem ser nem diabo, nem anjo?"

"Sou apenas Lázaro e não te vejo", disse Eljo. "Perdoe minha intromissão, se me permite. Eu estava apenas descansando ali", ofereceu Lázaro, apontando para o alto da colina em direção a nas ruínas da catedral enquanto ele continuava sua confissão: "quando reuni a voz de — a voz de muitos homens, falando como um só. Então vi um brilho entre as lápides e segui a sua voz. Não tive nenhuma má intenção com isso."

Uma nova expressão de dúvida surgiu no rosto do Fantasma. "Descansando, é? Num cemitério? Entre os mortos?" O Espectro cruzou os braços, assentiu e perguntou mais. "E por que você veio descansar neste cemitério em particular?" "Encontrei por acaso. Estava cansado. Viajei para a Itália."

Inconformada, a Aparição respondeu: "E eu sou chamada para viajar ao Céu. Não ficaria tão alarmada se descobrisse que meu guia desconfiado está me vigiando — e a você — neste exato momento, caso eu tente fugir ou me torne prisioneira do Inferno. O que você acha disso?" O Fantasma lhe deu as costas e encarou a sepultura, enquanto olhava por cima do ombro, como se esperasse uma resposta.

Mas Lázaro se afastou e se preparou para partir, dizendo em suas últimas palavras: "Eu deveria desejar-lhe boa sorte; no entanto, à luz de tamanha bênção divina que lhe foi concedida, com o seu chamado." Para o Céu, não posso oferecer bênção maior. Sinto-me feliz por tê-lo conhecido, mesmo que apenas

Resumindo. Perdoe-me e boa noite, senhor.

Lázaro adentrou a escuridão e caminhou em direção ao aterro quando o Fantasma bradou: "Uma bênção concedida?"

Ele parou, virou-se e questionou o Espírito: "Não te agrada estar a caminho?"

"De modo nenhum!" exclamou o Fantasma. Bufou e resmungou: "É uma coisa terrível."

Lázaro recuou do meio das ervas daninhas e desviou-se de uma sepultura. Voltou, agora confuso, e questionou o Espectro: "Como pode o Céu ser uma coisa terrível?"

O Fantasma lançou um olhar para o túmulo antes de se aproximar de Lázaro com o rosto aparentemente tomado pela emoção. Parou diante de Lázaro e o encarou nos olhos. "Porque a mim foi concedido o Céu e minha querida Sofia não." O Fantasma balançou a cabeça. "Por mais de dois anos..."

Durante cem anos, lutei contra a vontade e a habilidade dos anjos para permanecer — para vagar pelo mundo como uma alma perdida, para que as últimas lembranças da minha esposa permaneçam vivas — em mim. Não pretendo ir com este anjo. Vim apenas prestar minhas homenagens à minha querida Sophia mais uma vez — é a dia do seu nascimento. O Anjo sabe que deve me encontrar aqui todos os anos e aguarda meu retorno religioso. E todos os anos, revivemos o mesmo encontro: eu venho, ela me pega, eu presto minhas homenagens enquanto o Anjo espera, e então eu fujo mais uma vez. Creio que seja mais por piedade do que por estupidez que ela nunca tenha me perseguido; embora possa vir a perseguir um dia — ou até mesmo agora. Eu escaparia novamente, prontamente." O homem oco desviou o olhar e ficou olhando fixamente por entre as árvores, em direção às ruínas da catedral onde ele sabia que o anjo da guarda estaria.

Lázaro seguiu o olhar do Fantasma. Então, disse: "Sinto muito por isso". Eles permaneceram em silêncio, contemplando as ruínas do templo.

O Fantasma olhou para trás e suspirou. "Sou eu quem deve pedir seu perdão. Eu... injustamente..."

"Suspeitava que você fosse portador de má vontade; e não tenho como lhe impor meus problemas." O Espírito respirou fundo, assentiu com a cabeça e esboçou um sorriso educado. Estendeu a mão convidativamente em direção à lápide, dizendo: "Permita-me apresentar minha senhora, Sofia, e a mim mesmo — aqui repousamos."

O Fantasma olhou diretamente para Lázaro antes de fazer uma breve reverência de apresentação.

"Sou o falecido Lorde Gregorie Medici, outrora de Florença. É um prazer conhecê-lo, Lázaro Gogu."

Lázaro sorriu e retribuiu a reverência. "Vossa Graça, a honra é certamente minha."

"Então, o que o traz à Itália, jovem senhor?" O Fantasma de Medici ajeitou a capa e se inclinou para inspecionar as asas recolhidas de Lázaro.

Lázaro respondeu cautelosamente: "Preciso encontrar um homem e acompanhá-lo de volta à França."

“Se me permite perguntar, com que propósito?”

Lázaro desviou o olhar. "Não devo falar sobre isso; perdoe-me."

Medicci cruzou os braços. Seus cotovelos alargaram a capa que o envolvia. Inclinou-se para a frente, sorriu de canto e perguntou baixinho: "Existe algum segredo tão grave que não ouse ser sussurrado?" até mesmo para os mortos?"

Lázaro o examinou, deu de ombros e balançou a cabeça. "Talvez não." Ele revelou sua missão. "Uma Pedra de Entrada foi aberta. Procuro um frade na Itália que possa fechá-la."

Medicci recuou o queixo, aparentemente perplexo, e perguntou: "Gatestone?"

Lázaro tentou encontrar uma explicação plausível. "É uma espécie de selo — uma porta de entrada para... bem, para o Inferno."

Medicci arregalou os olhos. Ele examinou apressadamente o cemitério, talvez procurando pelo bom anjo da guarda, antes de se inclinar para mais perto de Lázaro e sussurrar com veemência: "Repita: um *portão*?"

Lázaro assentiu com a cabeça. Seus olhos também percorreram o terreno, como se buscassem atentamente descobrir qualquer sinal sutil de sua Mãe ou de um Monstro. Então, começou a elaborar em um sussurro: "É uma porta para o Inferno que agora está entreaberta. Jurei encontrar o frade e corrigir esse erro. Minha palavra é uma promessa sagrada e cumprirei fielmente este último pedido, enquanto eu puder; pois minha própria fé exige de mim nada menos do que ver seu cumprimento — uma promessa sagrada feita e cumprida."

Medicci saltou para a frente e agarrou Lázaro pelos ombros. "Que tipo de portão é esse? Conte-nos sobre ele!"

Lázaro se afastou, mas o aperto gélido do Fantasma permaneceu firme sobre ele. "Podem os Espíritos atravessá-lo?"

Lázaro olhou para o punho cerrado do Fantasma em sua camisa. Por baixo, um frio paralisante percorreu seu braço, como se sua carne e sangue esfriassem rapidamente até os ossos. Ele admitiu: "Espíritos escaparam daqui. Suponho que também possam atravessá-la."

Um súbito ar de desespero nublou o semblante de Medicci. Ele lançou outro olhar cauteloso por cima do ombro e apertou o aperto. "Você precisa me levar até esta Pedra Portal!" "Preciso encontrar o frade, que está em outro lugar", respondeu Lázaro firmemente, encarando o abraço um tanto áspero do Fantasma. "Não estou a caminho da Pedra de Entrada da qual falo." "Então, assim debes fazer — primeiro, encontra teu frade na Itália! Depois disso, me acompanharás até a Pedra Fundamental, certo?"

Lázaro cerrou os dentes. Ele olhou fixamente para as ruínas que dominavam a ampla colina. "E quanto ao anjo que espera?"

O Fantasma o sacudiu. "Ela pode esperar mais um instante, como sempre faz! Não há tempo a perder! Precisamos fugir imediatamente!"

Lázaro franziu a testa e se libertou do aperto gélido do Espectro.

Medicci entregou as mãos abruptamente. "Perdoe-me, Lázaro; minha paixão me domina." Recuou, curvou-se e perguntou gentilmente: "Poderia acompanhá-lo em sua jornada? Não me faltará nada e o incomodarei ainda menos."

Lázaro esfregou o braço, aquecendo-o. Assentiu com a cabeça. "Se você quiser."

Medicci sorriu brevemente e implorou: "Então, peço-lhe que nos retiremos — com urgência."

Lázaro suspirou, admitindo: "Vossa Graça, não tenho certeza se conseguirei fazer a viagem até a Itália e voltar." Ele gesticulou em direção às ruínas do templo. "No entanto, um Anjo o aguarda — seu Paraíso está aqui, neste exato momento."

Medicci balançou a cabeça. "Isso está longe da verdade — se você fala a verdade, então meu Paraíso fica apenas além de uma Pedra de Entrada", disse o Espectro, estendendo a mão aberta para o céu noturno. "Então, vamos embora? Sim?"

Juntos, Lázaro e Medici abandonaram o bosque de carvalhos e alçaram voo rumo aos céus, deixando para trás um par de túmulos antigos e um anjo desavisado.

~*~

Durante o resto da noite, Lázaro e Medicci mantiveram um curso determinado sobre o sudeste da França, sobrevoando as colinas onduladas do *Maciço de Maures*. Avançaram firmemente em direção às cidades costeiras gêmeas de *Saint-Raphaël* e *Saint-Tropez*, que Lázaro se lembrava de ter visto nos mapas da Abadia. Embora trocassem poucas palavras, nunca deixavam de lançar olhares cautelosos por cima dos ombros, à procura de sinais de um anjo perseguidor ou de um Demônio-Porco voador. Apesar de serem tão diferentes em forma e aparência, seu comportamento cauteloso poderia sugerir um elo comum entre eles: compartilhavam as mesmas preocupações primordiais como presas caçadas.

Era de manhã cedo quando Lázaro finalmente chegou ao oceano. Com bastante tempo de sobra, rumou para o sul e seguiu a costa, em busca da vila de *Saint Maxime*, onde poderia se orientar novamente em relação aos muitos mapas que tinha em mente. Percorreu a costa até não poder mais procurar; e sabia que não encontraria a vila antes do amanhecer.

Ele mergulhou e caiu em um trecho de praia que circundava uma enseada isolada no interior. Ficou deitado de bruços na areia, ofegante, com as asas abertas como as de um pássaro ferido. Medicci pousou ao seu lado. "O que houve? Você está cansado?"

"Não posso continuar; preciso comer." Lázaro gemeu, permanecendo imóvel.

"Ah, esse mesmo!" exclamou Medicci com uma aparente expressão de lembrança bem-sucedida, enquanto apontava o dedo indicador. Juntou as mãos e caminhou ao redor de Lázaro, sem deixar pegadas na areia.

"Duzentos anos se passaram desde a minha morte, e eu quase havia esquecido a dor da fome." Ajoelhou-se ao lado de Lázaro. "De fato, você precisa comer."

Lázaro sentou-se, com as asas preguiçosamente abertas. Sacudiu a areia do rosto e ergueu os olhos, encontrando Medicci inspecionando uma crista rochosa na orla da enseada. O homem translúcido examinava o topo da crista, parecendo fitar além da vegetação densa. Lázaro observou seu olhar fixo e penetrante, que parecia sondar as distâncias mais distantes e talvez perscrutar a eternidade. Sem pestanejar, o Fantasma murmurou: "Espere aqui, jovem senhor, e eu saciarei sua fome." E antes que Lázaro pudesse abrir os lábios para falar, a forma etérea do rosto de Medicci havia desaparecido.

Medicci deixou Lázaro para trás; e partiu da enseada com tamanha rapidez que até o próprio Tempo pareceu desaparecer. Num instante, pousou num cume gramado, onde cuidadosamente afastou as ervas daninhas e fixou o olhar de caçador num coelho que permanecia imóvel numa clareira. A lebre observava atentamente o céu, como se estivesse congelada sob o olhar de uma ave de rapina imaginária. Subitamente assustada, disparou em direção à aparente segurança dos matagais, quando Medicci prendeu a lebre e quebrou-lhe o pescoço. Num lampejo verde, o Fantasma vasculhou a crista, recolheu um feixe de sarças e voltou de onde partira. veio.

Lázaro ficou de pé na areia do mar e olhou fixamente para o lugar onde vira os Medicci pela última vez. No entanto, apenas as ondas do oceano se mostraram. Ele se virou e examinou a crista da Na enseada, antes de chamar em voz alta com a mão em concha: "Vossa Graça?" , aguçou os ouvidos e escutou os sons nos matagais distantes, ouvindo apenas o ruído de besouros estalando e pássaros inquietos empoleirados. "Lorde Medicci?" Um estalo estranho e efêmero chamou sua atenção para trás. Virou-se, ofegou, deu um salto para trás e caiu na areia. Diante dele, Medicci estava com um braçado de gravetos, um coelho mole e um largo sorriso.

Medicci aproximou-se de Lázaro e dirigiu-se a ele sem rodeios: "Se a minha memória ainda me serve, esta deve ser mais do que suficiente para um homem com o seu apetite prodigioso." Levantou a lebre e sacudiu-a levemente, como que para determinar o seu peso, acrescentando: "Uma bela refeição, não é?"

Lázaro recobrou o juízo e se levantou. "Você estava lá — e depois, não estava mais — e depois, novamente."

apareceu.” Ele sacudiu a areia de si mesmo enquanto perguntava: “Como você se desfez e se refez desse jeito?”

Medicci abaixou o coelho e deu uma risadinha, respondendo profeticamente: “Os mortos não são tão “Incapaz, como os vivos poderiam suspeitar.” O Fantasma jogou a lenha e o coelho na praia e gentilmente fez um gesto para que Lázaro se afastasse. Lázaro obedeceu e observou enquanto a Aparição parecia se transformar em um borrão de movimentos anormalmente rápidos — e num piscar de olhos, o Fantasma havia transformado a lenha em uma fogueira crepitante, esfolado o coelho, limpado-o e apresentado a Lázaro uma lebre espetada. “Então vá em frente”, insistiu ele, sacudindo o pedaço de carne espetada. “Você não espera que eu a asse para você também, espera?”

Lázaro avançou, mantendo o olhar fixo em Medicci enquanto lhe tomava o espeto. Medicci sorriu com ar descontraído e sentou-se na praia. Olhou para Lázaro, que permanecia imóvel, e gesticulou em direção ao fogo, sussurrando com sagacidade: “Você deve segurá-lo sobre o fogo agora, Lázaro. O fogo o prepara.”

Lázaro se pegou encarando Medicci. Resmungou e sentou-se ao lado da lareira, dizendo em defesa de suas habilidades: “Sei como prepará-lo”. Balançou o coelho sobre o fogo e olhou para Medicci, encontrando-o com um sorriso irônico. Então, perguntou ao Fantasma: “Como você se move tão rápido? Como consegue fazer essas coisas acontecerem?”

Medicci ergueu a sobrancelha, com um olhar astuto. Olhou atentamente para Lázaro antes de sugerir: “Talvez a Morte seja apenas uma outra faceta da Vida — sendo a atemporalidade uma de suas muitas características.” Medicci deu-lhe um momento para refletir sobre suas palavras antes de suavizar o clima com um sorriso acolhedor.

Lázaro respirou fundo e baixou o olhar para o coelho assando. “Se me permite, conte-me o segredo. Como você fez a lebre?”

O Fantasma inclinou-se para a frente e fingiu procurar olhares curiosos antes de apontar para baixo de sua capa e sussurrar para Lázaro: “Na verdade, eu não a fiz. A mágica está em esconder lebres debaixo da minha capa.”

Lázaro examinou o Fantasma por completo. “Contudo, consigo ver claramente através da tua capa; e não havia lebres.”

Medicci bufou, rindo e admitindo: “Estou brincando — não havia nenhuma.” Ele se recompôs parcialmente e explicou a verdade a Lázaro. “Não havia mágica nisso.” Deu de ombros, estendeu as mãos abertas e comentou: “Apenas lhe apresentei uma lebre que não era facilmente perceptível.” Balançou a cabeça. “Certamente não foi um ato de...”

feitiçaria; na verdade, eu não a *criei* .”

Lázaro estreitou os olhos e o repreendeu: "Mas eu vi você sem nada segurando; e então você segurou uma lebre. Você não recorreu a algum feitiço ou bruxaria para invocar ou conjurar a lebre do nada?"

“Não, meu jovem senhor”, respondeu Medicci, recostando-se em um braço e apoiando o outro sobre um joelho recém-defendido. “Permita-me compartilhar com você o que reuni de magia e milagres.” Ele fez uma breve pausa e fitou a areia como se estivesse refletindo sobre memórias passadas. Ele respirou fundo e continuou, com a voz adquirindo um tom mais grave: “Em meus dias de vida, testemunhei muitas acusações de magia e feitiçaria, e ainda mais alegações de bênçãos e milagres. E como ex-praticante das artes da alquimia e da fisionomia mortal, tive tanto a obrigação quanto a oportunidade de dissipar tais acusações e alegações por meio da descoberta, da observação atenta e do registro da verdade. Minha vida era meu trabalho — eu vivia por ele. Dito isso, mantive-me fiel à minha fé e convicções, e sempre soube que existia uma explicação razoável para um evento inexplicável. Em meus anos como médico, cuidei de muitos pacientes — alguns dos quais sofriam de doenças menores e morreram inesperadamente, e outros, que estavam mortalmente enfermos e ainda assim sobreviveram. E a todos os meus pacientes, estendi o mesmo cuidado meticuloso e indiscriminado, independentemente de sua condição.” Medicci olhou diretamente para Lázaro e sorriu antes de perguntar: “Agora, por que você supõe que os sobreviventes daqueles pacientes que morreram inesperadamente me acusaram de negligência grave ou assassinato, enquanto outros, ao saberem que meu paciente havia sobrevivido inesperadamente, me acusaram de feitiçaria, ou simplesmente ignorou meus cuidados e alegou que a cura foi obra de intervenção divina?”

Lázaro deu de ombros. “Eu não estava com você quando cuidou dessas pessoas. Talvez os outros, de quem você fala, também não estivessem. Ou talvez não soubessem exatamente o que esperar de você.” Ele assentiu e estreitou os olhos. “No entanto, eu vi você fazer a lebre aparecer do nada, e não acredito que tenha acontecido por intervenção humana ou divina. Sei que não se tira uma lebre do ar facilmente; e Deus Todo-Poderoso não intervém apenas para truques. Presumo que só resta a feitiçaria, que você alegou não ter usado. Para que não minta, poderia haver outra causa?”

“De fato, existe”, respondeu Medicci, sorrindo. “E você respondeu à minha pergunta: aqueles que mencionei não sabiam exatamente o que esperar.” Medicci deu de ombros. “Na verdade, nunca estamos realmente preparados para vivenciar o extraordinário; podemos

Devemos nos preparar para o inesperado. E se, por acaso, ele ocorrer, poderemos facilmente explicá-lo para que pareça mais comum — especialmente por meio de alegações de divindade ou bruxaria; magia, ou mesmo feitiçaria.” Ele observou brevemente o rosto inexpressivo de Lázaro . “No entanto, todas essas alegações parecem servir ao mesmo propósito: descartar uma explicação mais complexa para combinações excepcionais de eventos extraordinariamente comuns, porém raramente interligados.”

Lázaro comentou: "Não entendo, Vossa Graça." Ele se inclinou para a frente e rolou o coelho sobre o fogo. "No entanto, sem querer parecer simplista ou desatento, poderia me perguntar como o senhor fez o pelo aparecer?"

Medicci afirmou: "Para vocês, pode ter sido apenas uma aparição; no entanto, na verdade, eu a trouxe de longe."

"Você buscou? De longe?" Lázaro lançou um olhar de dúvida. "No entanto, você desapareceu e apareceu sem demora. Não teve tempo suficiente para buscar nada."

"Ou será que não?" Medicci deu uma risadinha. "O que são *momentos* para os mortos, meu jovem?"

Lázaro perguntou: "Se me permite perguntar, Vossa Graça, por que me respondeis com perguntas, para que não me surpreendais?"

"Ocultar suas respostas?"

"Talvez eu os guarde, por enquanto." O Fantasma deu de ombros. "Tal momento poderia parecer extraordinário para nós dois, e certamente incomum o suficiente para exigir uma troca cautelosa — afinal, entre um morto e um homem voador, todos se perguntando um sobre o outro?" Ele sacou uma Respirei fundo e assenti. "De muitas maneiras misteriosas, nossa travessia criou uma combinação bastante incomum e inesperada de companheiros de viagem. O que você me diz, jovem?"
senhor?"

Um instante se passou enquanto as ondas do oceano marcavam sua passagem, lambendo a costa. Então Lázaro perguntou:

"Vossa Graça, dizeis que morrestes há dois séculos, não é?"

"Chega disso. E pode simplesmente me chamar de 'Gregório' ou 'Medicci', meu jovem, já que não sou nenhum médico." mais Senhor do que a lebre que você segura na mão."

"E não precisa me tratar por título, pois não sou mais um escudeiro. Sou apenas Lázaro."

"Você era um escudeiro?"

Lázaro ignorou a pergunta e sondou Medicci: "Se você é realmente um Espírito, como diz, por que não vi mais pessoas como você?"

"Oh, são muitos. Contudo, não me misturo com eles, para que os Anjos não os procurem e me descubram também escondido. Sempre me movi, à minha maneira, secretamente."

Novas suspeitas também surgiram entre os Medicci, e ele investigou Lazarus. "Eu acho isso bastante..."

É estranho que você ainda esteja em carne e osso e possa me ver, e ainda assim afirme nunca ter visto outro Espírito como eu. Por que será?

Lázaro admitiu: "Eu vi espíritos, mas eles brilhavam mais intensamente do que você. Eram espíritos demoníacos que saíram da pedra do portal aberto e se reuniram no topo da catedral." Lázaro olhou diretamente para Medicci e insistiu: "Será que você não seria outra forma deles, com uma aparência mais modesta e viril?"

O Espectro se levantou com o rosto contraído, enquanto o inexpressivo Eljo permanecia de pé. Eles se encararam à luz da fogueira. Em confronto visual, buscaram nos olhos um do outro mais sinais de verdade ou engano. Naquele momento, apenas o oceano gemia, o vento uivava e brasas incandescentes se dispersavam como vagalumes. E se seus inúmeros pensamentos pudessem ter se inflamado e trovejado, suas mentes poderiam ter engendrado uma tempestade para rivalizar com a maior das tempestades — um vendaval de tal intensidade que afogaria toda visão e som terrenos ao seu redor. Mesmo assim, Lázaro não conseguia sondar Medicci facilmente, já que o Fantasma era quase sem forma. E Medicci não conseguia sentir Lázaro facilmente, já que o Eljo era completamente antinatural. Ambos estavam profundamente conscientes do aparente espaço de confusão que pairava entre eles. À sua maneira, sem dúvida, discerniram sua existência como Inegavelmente real. Era como uma nuvem praticamente imperceptível de caos ondulante, onde apenas os mais elevados estados intelectuais de curiosidade insaciável e suspeita infinita poderiam residir. No sentido mais profundo, cada um parecia permanecer invisível para o outro.

Medicci finalmente falou. "Eu não sou um espírito demoníaco. Os demônios não têm acesso ao Céu, como eu tive." Ele cruzou os braços e estreitou os olhos. "No entanto, eu também me questiono sobre você. Você afirma não ser um demônio, mas apenas um homem voador; e, no entanto, por acaso conhece a localização exata de um portal para o Inferno." Medicci acariciou a barba antes de balançar o dedo e compartilhar sua própria queixa. "Por duzentos anos, procurei por tal portal em toda a Terra, de cima a baixo. Ao fazê-lo, e durante todo esse tempo, nunca deixei de sentir a aproximação repentina de um homem ou anjo. Contudo, sinto-me um tanto perturbado por você ter conseguido se aproximar tanto de mim, sem que eu percebesse, enquanto eu permanecia alheio ao meu túmulo." Ele ergueu a sobrancelha. "Será que você é uma forma desconhecida de demônio, com aparência curiosa e maneiras fingidas, numa tentativa astuta de me escoltar para

"Eu já disse que não sou um demônio. Estou procurando um frade para fechar a Pedra do Portal", declarou Lázaro. "É você quem busca o Inferno."

"Eu não busco o Inferno; eu busco minha Sofia."

"Então ela está no inferno?"

"Não posso dizer", retrucou Medicci. "Contudo, fale-me sobre o seu frade; e de como um mero monge mortal poderia ter um conhecimento tão vasto do Inferno a ponto de estar intimamente familiarizado com ele."

com o funcionamento certamente intrincado de seu portão.”

“Não posso dizer”, admitiu Lázaro. “Não conheço seus métodos nem seus meios de subsistência — apenas seu nome e lugar de origem.”

“Então por que você precisa encontrar esse frade, se sabe tão pouco sobre ele? Como pode ter certeza de que ele sequer consegue governar esta sua Pedra Fundamental?”

“A Pedra Fundamental não me pertence”, repreendeu Lázaro. “Simplesmente me pediram para buscar o frade. Dei minha palavra de que o faria. Fiz um juramento a homens de Deus; e agora cumpro o que eles me ordenaram.” Eles jamais mentiriam ou desejariam que me acontecesse algum mal nesta jornada. Portanto, tenho fé no frade e em suas habilidades. Sei o suficiente; não preciso saber mais.

Medicci desviou o olhar. Franziu os lábios e assentiu, pensativo. "Aceitável, talvez; você apenas pratica uma boa ação, por mais extraordinária que possa parecer." Respirou fundo. "Contudo, não minto e não lhe desejo nenhum mal. Não lhe trouxe uma lebre? Não lhe fiz boa companhia? Não lhe mostrei todo o respeito que você poderia desejar?"

As perguntas de Medicci levaram Lázaro a recordar seu encontro com sua mãe na Boca da Montanha e a generosa oferta de pedras preciosas que ela lhe fez. Ele respondeu a Medicci com palavras de sabedoria canônicas: “Más intenções muitas vezes se escondem sob boas ações. Por isso, não posso conhecer verdadeiramente sua intenção; contudo, a minha me é clara. Devo encontrar um homem de Deus que possa conter o mal que ainda não foi contido.”

Medicci bufou e ergueu as mãos frouxamente, exclamando: "Mas talvez você esteja dizendo isso só para mim! Pelo que consigo deduzir, você pode estar me atraindo para uma armadilha — para a própria boca do Inferno!" Ele cruzou os braços. "Responda-me, Lázaro: se você afirma que sou um desses supostos espíritos malignos da Pedra Portal, por que eu desejaria acompanhá-lo em sua jornada? Se eu realmente viesse de um portal desses, não saberia já onde ele fica? Por que eu me aventuraria na Itália com você, se não precisaria?"

Lázaro respondeu com sugestões semelhantes: “E talvez você esteja dizendo isso apenas para mim. Eu não pedi que me acompanhasse à Itália. Pelo que pude apurar, talvez não exista nenhuma Senhora Sofia. Talvez você queira secretamente me acompanhar para encontrar o frade por si mesmo e matá-lo antes que ele feche o Portão, não é?”

Medicci apoiou as mãos na cintura e declarou friamente: “Não estou em conluio com o Mal, Lázaro. E certamente não estava no cemitério por sua causa. Além disso, um

O anjo desejou me escotar para o Céu no exato momento em que você se apoderou de mim.”

Lázaro assentiu com a cabeça e olhou para o oceano. "E eu estava a caminho da Itália, Medici, antes que a voz do seu Anjo me atraísse até você."

“Ela não é minha”, retrucou Medici. Ele suspirou e deixou os braços caírem. “Muito bem; talvez ambos estejamos falando a verdade e, ainda assim, suspeitemos das más intenções um do outro.”

Contudo, sei, com absoluta convicção, que não tenho más intenções; e mesmo que eu suspeite que suas intenções sejam menos que genuínas, ainda me sinto compelido a acompanhá-lo — e a ajudá-lo a encontrar o frade, se necessário — se eu quiser encontrar minha Sofia, no fim das contas.” A Aparição fez uma breve reverência. “Só posso confiar que suas intenções sejam tão verdadeiras quanto as minhas.”

Lázaro considerou as palavras gentis e o gesto amável de Medici . Retribuiu a reverência. "E constato que você honrou sua palavra e seus feitos passados. Afinal, eu o encontrei na presença de um anjo; e você também encontrou a lebre para mim." Sorriu, acrescentando: "Devo ser grato."

A tensão diminuiu e eles se sentaram junto à fogueira, sentindo-se mais satisfeitos do que um instante antes. Por um tempo, revezaram-se observando a carne crepitando e as ondas quebrando na praia, que se reduziam a meras linhas de espuma sobrepostas.

Lázaro ofereceu: "Se me permite, peço perdão pela minha desconfiança, Medici. É apenas que nunca, em toda a minha vida, vi o espírito de um homem."

“Por favor, perdoe também minhas suspeitas, Lázaro”, disse Medici. “Em toda a minha vida e morte, nunca encontrei nada parecido com um homem voador. Além disso, em mais de duzentos anos, nunca consegui conversar com um vivo — até agora.”

“Existem muitas almas, como você, que vagueiam por aí?”, perguntou Lázaro.

“Bem, posso dizer que existem tantas almas quanto homens, mulheres e crianças que já nasceram. Já vi até legiões delas vagando atordoadas por campos de batalha recentes. Às vezes, podem ser muitas — mas apenas por um breve instante, antes que os anjos apareçam para levá-las embora. No entanto, raramente vejo tantas de uma só vez. Mais frequentemente, posso ver um ou dois espíritos de passagem. Mesmo assim, preciso fugir às pressas, para que os anjos não me descubram entre eles.”

“Onde eles carregam os Espíritos?”

Medici deu de ombros. "Céu ou Inferno, eu suspeito; em algum lugar que não seja aqui. Pelo que eu entendi, é proibido aos Espíritos vagarem pela Terra."

“Mas você faz.”

"Eu faço."

"Então por que eles permitem isso?"

O Espectro balançou a cabeça e sorriu com malícia. "*Eu* permito." Deu um tapinha no peito e sussurrou: "Se eles nunca me capturarem, continuarei a vagar livremente." Deu uma risadinha e guardou as mãos nos bolsos da túnica. "Ah, eles sabem que estou aqui — em algum lugar. E tenho a forte impressão de que não sou a única alma errante que caminha pela Terra."

Lázaro o interrogou: "Mas e o anjo no cemitério, de quem você fugiu?"
Ela não te deixou ficar?

"*Azrael?*" Medici riu. "Ela é uma boa rastreadora. Azrael já me alcançou várias vezes desde então, além das minhas visitas regulares a Sophia. E como sempre, eu digo a ela que estou pronto para ir para o Céu, desvio sua atenção e então a despisto. Ela não se esforça muito para me pegar. Afinal, ela provavelmente sente pena da minha situação. Ela nunca conta a Azazel onde estou, já que ele nunca apareceu depois dos meus encontros com ela. Ou ela sente pena de mim, ou não gosta dele, ou uma combinação dos dois."

"Azazel?" perguntou Lázaro.

Medici assentiu com a cabeça. "O *outro* ."

Lázaro assentiu com a cabeça, olhando-o diretamente. "De fato; que alma boa fugiria do Céu?" Ele girou o coelho e perguntou: "E se Azrael promettesse levá-lo ao Inferno? Você iria com ela, como agora vai comigo? Para buscar Sofia?"

"Não, Lázaro; Azrael apenas escolta as almas boas para o Céu. O outro anjo, que se chama *Azazel*, arrasta almas desavisadas e errantes para o Inferno. E eu tive o azar de encontrá-lo apenas uma vez em todos esses anos. Mal consegui escapar daquela besta faminta."

"Por que você não o acompanhou até o Inferno, em vez disso, para buscar Sofia?"

"Acompanhar Azazel?" Medici riu incrédulo. "Ninguém o *acompanha* de livre e espontânea vontade . Ele aprisiona almas e as estupra nuas, muito parecido com a lebre que você agora conhece." Espere aí — ele os engole completamente, de onde não podem escapar. Azrael me alertou sobre Azazel, dizendo que ele é o filho bastardo do anjo *Cronos*, que o abraçou amorosamente. todas as almas, devorando-as e tornando-as parte de si. Azrael deixou claro, há muito tempo, que se eu não a acompanhar ao Céu, Azazel acabará por me encontrar e me devorar, levando-me para o Inferno enquanto eu estiver aprisionado dentro dele." O Fantasma estremeceu. Sua expressão endureceu e ele se inclinou em direção a Lázaro. "Já que eu vago pela Terra, Azazel

Ele também tem todo o direito de me reivindicar. Se ele me capturar, não terei entrado no Inferno por meus próprios meios. E tenho certeza de que permaneceria aprisionado para sempre. É por isso que busquei secretamente uma entrada mais adequada para o Inferno — uma pela qual eu pudesse entrar e escapar, em meus próprios termos.”

"Para roubar Sofia do Inferno?", questionou Lázaro.

Medicci assentiu com a cabeça. "E eu irei."

"Tal coisa pode ser feita? Não creio", respondeu Lázaro. "E como podes ter certeza de que ela não está no Céu — ou que está mesmo no Inferno? Talvez ela faça como tu e apenas vagueie pela Terra."

"Se ela caminhasse sobre a Terra, eu a teria encontrado nos últimos duzentos anos em que busquei um portal para o Inferno", afirmou Medicci, apontando com o dedo para o horizonte do oceano. "E Azrael praticamente confessou que ela não está no Céu. Portanto, suspeito que ela deva estar no Inferno."

"O que o anjo lhe disse?"

Medicci suspirou e olhou para a praia antes de admitir: "Bem, não foi o que Azrael disse."

Disse isso, o que me convenceu do contrário. Foi o que ele não disse.

Lázaro aguçou os ouvidos. "Então, o que ele não te contou?"

O Fantasma estreitou os olhos e apontou um dedo acusador para Lázaro, sussurrando com clareza: "Toda vez que pergunto a Azrael se minha Sofia está no Céu, ele me diz que todas as coisas serão reveladas quando eu estiver no Céu. E toda vez que pergunto se ela está no Inferno, ele diz exatamente a mesma coisa."

"Então agora você acredita que ela está no Inferno?" Lázaro balançou a cabeça, agora completamente perplexo. "Se o Anjo lhe respondeu o mesmo sobre o paradeiro dela, por que você acredita que ela está apenas no Inferno e não no Céu?"

Lázaro observou Medicci levantar-se, virar-lhe as costas e fitar o oceano. Uma brisa constante soprava em direção ao mar, mas o contorno da capa do Fantasma permanecia imóvel. Por fim, o Espectro virou parcialmente a cabeça e fitou a areia, parecendo absorto em contemplação. Finalmente, o Fantasma respirou fundo e assentiu com a cabeça antes de se virar completamente para Lázaro. "Não suspeito que minha Sofia esteja no Inferno apenas pelo que Azrael me disse ou deixou de dizer, Lázaro. Há muito mais a ser contado antes que você concorde comigo que ela está quase certamente no Inferno." A Aparição circulou a fogueira, ajoelhou-se ao lado de Lázaro e empurrou um arbusto para o fundo das chamas. Lázaro olhou nos olhos do Fantasma. As órbitas esverdeadas pareciam distantes — como se estivessem presas à luz da fogueira, fitando a eternidade.

Medicci relatou seu passado. “Por profissão, eu não era apenas médico, mas também alquimista. Como tal, dedicava-me à descoberta de preparações exóticas e prescrições intoxicantes que pudessem ser administradas para retardar ou mesmo prevenir os efeitos fisiológicos mais comuns do envelhecimento. À medida que minha pesquisa se desenvolvia, minhas ferramentas e métodos tornavam-se cada vez mais não convencionais e, certamente, controversos com os cânones observados da medicina. Cristandade. Com isso, não me restou outra alternativa senão continuar meus estudos em segredo, por medo. de acusações de heresia ou feitiçaria. Afinal, eu estava em busca de uma preparação única e precisa de óleos, extratos, metais e sais sanguíneos, que pudesse prometer a imortalidade. Na verdade, eu busquei formular o próprio *Elixir dos Antigos*.”

"Será que tal coisa existe?", perguntou Lázaro.

Medicci deu de ombros. "Não importa agora. Mas, em vida, eu acreditava nisso." Ele suspirou e ofereceu a Lázaro um sorriso solene. "Além de mim, apenas uma outra pessoa permaneceu a par da minha busca. Ela era ninguém menos que minha confidente e companheira de confiança, Sofia."

Lázaro acenou com a cabeça e, educadamente, baixou o olhar para o coelho assando.

O Fantasma estendeu a mão até o centro do fogo, retirou uma brasa incandescente e a inspecionou atentamente enquanto continuava: “Eu estava tão perto. Eu realmente acreditava que estava prestes a formular o elixir.” Ele jogou a brasa de volta às chamas e prosseguiu: “No entanto, essa crença me levou a explorar muitas terras estranhas e exóticas, em busca do ingrediente que energizaria a mistura.” O Espectro desviou o olhar e observou as ondas antes de se voltar para Lázaro, com o semblante visivelmente sombrio.

“Prometi a Sophia que esta seria minha última aventura no exterior. O navio mercante, no qual reservei passagem, enfrentou uma forte tempestade logo após a partida. O vendaval nos atingiu quase até o naufrágio e nos levou muito além do nosso primeiro porto de escala. Em vez de dar meia-volta e retornar à tempestade, o capitão seguiu em frente e completamos o restante da viagem sem incidentes. Infelizmente, a crença de que havíamos naufragado na tempestade se consolidou e foi confirmada quando pedaços do nosso navio, arrancados pela tempestade, foram levados pela maré até a costa perto do porto que havíamos ignorado. E a notícia falsa, de que todas as vidas haviam sido perdidas, chegou aos ouvidos de minha Sophia como se fosse verdade.” Embora Medicci sorrisse e balançasse a cabeça, Lázaro podia ver a dor em seu rosto. “Ela era uma jovem apaixonada — até mesmo tola. Ela tirou a própria vida.”

Ambos voltaram sua atenção para o coelho e as chamas que o consumiam.

“Então é isso”, comentou Medici, dando de ombros. “Acredito que minha amada esteja no Inferno; você conhece os portões do Inferno; e eu espero recuperar o único Céu que me interessa conhecer.”

Um momento de silêncio pairou entre eles. Chamas se inclinavam na brisa marítima, e Lázaro fitava o horizonte tênue do oceano.

“Você prepara sua lebre como holocausto?”, perguntou Medici, acenando com a cabeça na direção do agora. Coelho enegrecido.

“Ah!” Lázaro se recompôs e resgatou o coelho, segurando-o no alto de uma vara em chamas. A brisa apagou a chama e refrescou a lebre. Ele se virou para Medici. “Se me permite perguntar, como você morreu?”

O Fantasma deu uma risadinha e apontou para o fogo, sua mão firme penetrando as chamas.

“A partir disso; da própria ferramenta do meu ofício: o nosso infame Dom de Prometeu — o FOGO. Morri enquanto dormia.”

“Você morreu queimado?”

“Não. Foi a fumaça dos meus recipientes de agentes e extratos, inflamada por uma lamparina a óleo mal posicionada — vapores fatais dos próprios ingredientes que usei na minha busca pelo sempre esquivo elixir da Vida.” Medici deu uma risadinha. “Então aqui estou eu, duzentos anos depois.” Fazendo uma pausa, acrescentou: “Por acaso, talvez eu tenha descoberto o elixir, afinal. Só que eu não sabia que ele precisava me matar para me conceder a imortalidade.”

Lázaro estreitou os olhos, pensativo, quando deu uma risada seca. De repente, interrompeu-se. “Por favor, me perdoe, Medici.”

“Não se preocupe, Lázaro”, tranquilizou-o Medici, levantando-se. “Coma à vontade e alivie suas dores.” O Fantasma afastou-se da fogueira enquanto chamava Lázaro: “ Preciso descobrir nossa localização pelo nome da aldeia mais próxima. Já volto.”

Lázaro observou o Fantasma se aproximar da costa. Com passos firmes, o Espectro inspecionou o alinhamento das estrelas. Então, o semblante de Medici saltou para o ar e desapareceu.

Faminto, Lázaro devorou sua refeição enquanto o Tempo girava sob o céu negro como azeviche. Por fim, brasas flutuantes assemelhavam-se a vaga-lumes que brotavam das brasas de uma fogueira moribunda; e Lázaro caminhava pela praia, deixando um rastro circular cada vez mais estreito de pegadas na areia enquanto vasculhava o céu em busca de sinais de um fantasma. Contudo, seus olhos logo se voltaram para o mar, em direção ao horizonte leste, e fixaram-se em uma fina linha vermelha que marcava o primeiro sinais do amanhecer. Ele circulou e caminhou em sentido oposto ao redor da fogueira, com as mãos

Inquieto, com os olhos fixos no leste.

Uma voz perguntou por cima do ombro dele: "Como você se sente?"

Lázaro girou descontroladamente e caiu de costas na areia. Observou a tênue imagem de um Fantasma se aproximando. Com um olhar furioso, permaneceu de pé enquanto Medicci se aproximava com um sorriso.

“Perdoe-me, Lázaro. Eu deveria ser mais direto na minha abordagem.”

Lázaro recuperou o fôlego e resmungou: "Sim, se você permitir." Caminhou rapidamente em direção ao Espectro, lançando um breve olhar para o horizonte brilhante antes de chutar areia sobre as brasas fumegantes e declarar: "Medicci, precisamos partir, com urgência."

Medicci parou diante de Lázaro e apontou para a costa. “Encontrei a vila de Saint Maxime. Fica a uma curta distância daqui. Parece que você tem muitas habilidades — e agora, um apurado senso de direção.” O Fantasma cruzou os braços e acrescentou: “Você é realmente notável. Tem certeza de que nunca viajou —?”

“Medicci!” interrompeu Lázaro, apontando com o dedo para o brilho tênue sobre o oceano. “Isso vai me matar, Medicci; preciso procurar abrigo imediatamente!”

“Abrigo? Do oceano?”

“Do sol”, respondeu Lázaro, explicando: “Tenho uma grave doença causada pelo sol”.

“Ah”, disse Medicci, assentindo com a cabeça. “Com habilidades extraordinárias vêm fraquezas extraordinárias, como era de se esperar.” Ele se virou e apontou para o interior, a partir da enseada. “Ali tem uma floresta — bastante sombria. Será suficiente?”

“Procuro um lugar mais escuro; talvez uma caverna ou algo do gênero.”

Medicci esfregou o queixo, pensativo. "Não vi nenhuma caverna." Ele olhou para o céu a leste. "E você não chegará à aldeia antes do amanhecer." Ele balançou a cabeça e deu de ombros. "Para mim, seria fácil. Eu poderia me esconder sob o oceano, na terra, ou até mesmo... dentro de uma árvore. Mesmo assim você vive e precisa respirar."

"Devo desejar-lhe uma boa noite", disse Lázaro, inclinando as asas e afastando-se lentamente.

“Ah! Conheço um lugar adequado”, exclamou Medicci. Ele apontou com o dedo para a costa sul. “Há um navio naufragado nas rochas, e seu casco ainda está bem lacrado. O que você acha?”

“Você está falando a verdade?”

“Pela minha solene palavra de honra — como um cavalheiro de distinção”, insistiu Medicci. “ Preciso que você esteja ileso para encontrar minha Sofia. O navio está lacrado e lhe servirá bem.”

Você vai me mostrar?

“Sim, imediatamente !”

Lázaro examinou o horizonte. "Preciso voar baixo e rápido, contra a terra e o mar." Ele se virou para Medici e acenou com a mão em direção aos céus. "Eu devo segui-lo."

Os dois ascenderam furtivamente aos céus, abandonando uma fogueira quase apagada e a cabeça carbonizada de um coelho. Os restos descartados pareciam observar, com espanto, a direção ascendente da partida da dupla peculiar, talvez como que para encenar um último e profundo... Uma performance duradoura diante de uma plateia completamente ausente — e, em seus momentos finais, permanecer imóvel para sempre, olhando para cima, com seu buraco negro, bestial e totalmente descartado, largo e oco, que servia de olho.

[Fim do Capítulo 19]



Esta obra literária foi criada exclusivamente em homenagem a

Edgar Allan Poe (1809-1849)

— Que seu legado viva em todos nós —



~[GothicNovel.Org](https://www.gothicnovel.org)~